

A stylized, grey-toned graphic of a tree with a thick trunk and several branches, set against a light grey circular background. The tree is positioned on the right side of the page, partially overlapping the title text.

Um Novo Imperialismo no Cerrado: a Produção de Soja e a Agricultura Transnacional

Marina Salgado¹

BOOK REVIEW

OFSTEHAGE, Andrew. **Welcome to Soylandia: Transnational Farmers in the Brazilian Cerrado**, Ithaca: Cornell, 2025.

¹ Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisadora no Laboratório de História Ambiental do Cerrado (LAHAC) na Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA. Orcid: 0000-0002-3637-8668. E-mail: salgadop.marina@gmail.com

Os vinte anos do processo emigratório de um grupo de fazendeiros estadunidenses que se estabeleceram, majoritariamente, no oeste do estado da Bahia (BR) no início dos anos 2000, foram o objeto de investigação do antropólogo Andrew Ofstehage. Sua análise foi sistematizada nos seis capítulos que compõem o livro *Welcome to Soylandia: transnational farmers in the Brazilian Cerrado*, publicado em 2025 pela editora da Universidade de Cornell (EUA). Ao focalizar a experiência de um grupo específico de atores no processo de expansão contemporânea das fronteiras agrícolas, a obra insere-se nos debates da antropologia social e rural, e dialoga com a história ambiental e com a economia política da agricultura.

Trata-se de um trabalho etnográfico e as entrevistas e fotografias utilizadas em sua análise foram produzidas pelo autor, que dedicou alguns meses à sua pesquisa pelo Matopiba.² A produção direta dessas fontes empíricas constitui uma das principais contribuições teórico-metodológicas da obra, porque nos permite acessar práticas, discursos e valores mobilizados pelos próprios fazendeiros em seu cotidiano. O livro está estruturado em torno de quatro eixos centrais: solo, terra, trabalho e valor, nos quais são apresentados diferentes temas e questões sobre as experiências desses fazendeiros com o Cerrado, com o trabalho agrícola — e os trabalhadores agrícolas — e com as narrativas de produtividade. Essas interações transformam tanto o ambiente quanto a própria prática agrícola.

A obra de Ofstehage traz a noção de Soylandia como a principal categoria analítica utilizada na investigação. Essa engloba as ideias de utopia e distopia e refere-se a um território, mas também à maneira como se imagina o futuro próximo. Trata-se de um conceito cunhado no meio jornalístico para definir áreas rurais localizadas nos Andes, na Mata Atlântica, no norte da Argentina até os flancos meridionais da bacia Amazônica. No livro, Ofstehage entende o território da Soylandia como as áreas da Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai em que a produção de soja é a principal

² O Matopiba refere-se a um recorte econômico-agrário que se estende de forma interestadual, formada por pedaços dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, daí, portanto, a utilização do acrônimo para nomeá-la. Trata-se de uma das últimas fronteiras agrícolas do mundo e uma das regiões com maior expressividade do modelo de produção agrária imposto pelo agronegócio.

atividade econômica e cujas projeções de desenvolvimento tecnológico apontam desfechos tanto utópicos quanto distópicos.

Essas projeções incluem o apagamento da natureza por meio da administração de pesticidas, desaparecimento de laços sociais comunitários, concepção da terra como um ativo financeiro, e a produção agrícola voltada para o mercado (algo que inclui, sobretudo, a escolha da commodity que será produzida). Esse tema também foi tratado por outros pesquisadores, que sinalizaram os conflitos sócio-ambientais inerentes a essa reconfiguração do território.³ No caso do Brasil, a região centro-oeste, sobretudo na região em que o Cerrado é o bioma predominante, a soja se tornou o eixo estruturante do movimento de expansão da fronteira agrícola.⁴ Uma das pesquisas realizadas sobre o tema exploraram as possibilidades de análises histórico-ambientais para investigar o crescimento avassalador da produção agrícola de commodity.⁵

Em sua obra, Ofstehage oferece, no entanto, uma leitura da dinâmica de expansão da fronteira e disseminação de um modelo de produção agrícola tendo como ponto de partida a experiência dos fazendeiros, que nos são apresentados na abertura do livro. A maioria deles é originalmente do Meio-Oeste dos Estados Unidos. Até a década de 1970, suas fazendas eram administradas por unidades familiares, com pouco apoio de trabalhadores terceirizados. Essas unidades, por sua vez, formavam comunidades de produtores rurais (*farm communities*). Nesse cenário, o valor da comunidade predominava em detrimento do enriquecimento individual e, também, os cultivos eram preparados segundo alguns critérios ecológicos, ao invés de seguirem a lógica de mercado que vigora no sistema de produção de commodities.

Na década de 1980, uma crise econômica atingiu a cadeia de produção agrícola no país, de forma que o modelo em vigor começou a ser transformado, tornando-se maquinizado e a escala se tornou industrial. Tratava-se do processo de

³ Arilson Favareto, org., *Entre chapadas e baixões do Matopiba: dinâmicas territoriais e impactos socioeconômicos na fronteira da expansão agropecuária no cerrado* (São Paulo: Prefixo Editorial, 2019).

⁴ "A Geo-Historical Analysis of Expanding Soybean Frontiers in the Brazilian Cerrado". 2022. *Historia Ambiental Latinoamericana Y Caribeña (HALAC) Revista De La Solcha* 12 (2): 217-52. <https://doi.org/10.32991/2237-2717.2022v12i2.p217-252>.

⁵ "Towards the Soyacene: Narratives for an Environmental History of Soy in Latin America's Southern Cone". 2021. *Historia Ambiental Latinoamericana Y Caribeña (HALAC) Revista De La Solcha* 11 (1): 329-56. <https://doi.org/10.32991/2237-2717.2021v11i1.p329-356>.

financeirização dessa atividade econômica, agora inserida no mercado. Aos poucos, a mentalidade dos fazendeiros acompanhou essas mudanças e se transformou; os valores de comunidade foram substituídos por valores individualistas. Nessa ocasião, o aumento no preço da terra levou muitas famílias de fazendeiros a perderem suas propriedades.

Na ocasião, Ofstehage pôde observar esse cenário de perto, já que sua própria família administrava uma fazenda no estado da Dakota do Sul. Quando era garoto, assistiu à crise assolar a região em que vivia e viu muitos vizinhos indo à falência. Percebeu que se tratava, sobretudo, de mudanças na identidade e na cultura dos fazendeiros. Essa experiência pessoal do autor contribuiu para a densidade etnográfica da análise. No cenário descrito por Ofstehage, quem conseguiu permanecer como produtor teve que modificar seu modelo de produção e adaptar-se à transformação de sua fazenda em uma indústria.

Nem todos os fazendeiros, no entanto, faliram ou se adaptaram; alguns buscaram expandir sua fronteira agrícola, como o grupo entrevistado por Ofstehage, que rompeu fronteiras nacionais e se instalou no Brasil. Mais especificamente, no oeste do estado da Bahia, naquela que é considerada uma das últimas fronteiras agrícolas do mundo. Por essa razão, foram chamados pelo autor de fazendeiros transnacionais. Esta é uma categoria analítica que torna evidente como as práticas produtivas, capitais e narrativas agrícolas encontradas entre os fazendeiros estadunidenses extrapolam os limites nacionais e criam o território amalgamado que Ofstehage entende como “*Soylandia*”.

Essa coesão, contudo, não é observada entre os próprios fazendeiros transnacionais. Pelo contrário, eles não se consideram como uma grande comunidade de “*family farmers*”, aos moldes do que Ofstehage descreveu no início de sua obra para se referir aos fazendeiros estadunidenses do Meio-Oeste do país até a década de 1980, embora alguns deles se encontrem, eventualmente, para celebrar eventos como o Dia de Ação de Graças. Trata-se, na verdade, de uma comunidade marcada, principalmente, pelo antagonismo entre seus integrantes, sustentada por competição,

rivalidade, focos e práticas que minam uns aos outros – não por cooperação. Eles compartilham valores e práticas, porém esses são marcados por exploração e lógica capitalista.

A desconexão entre os fazendeiros estende-se para o território, e é, no entanto, justamente essa desconexão com a terra, com o bioma, com as culturas e populações locais (povos indígenas e agricultores de menor porte), que os conecta com outros grandes latifundiários da região, brasileiros ou não. Os fazendeiros transnacionais parecem pouco ou quase nada interessados nas discussões levantadas por grupos que atuam por maior justiça no campo, como o Movimento dos Sem-Terra (MST). A maioria prefere manter-se à margem dos conflitos e está focada na administração de suas enormes plantações de soja.

No que se refere à cultura colonialista brasileira, os fazendeiros transnacionais se adaptaram facilmente. No caso, a mudança na dinâmica trabalhista aconteceu devido à introdução de maquinário e a separação das etapas de produção. A contratação de trabalhadores terceirizados substituiu o sistema familiar. O autor também mostrou como esse tema vem atravessado pelo entendimento dos fazendeiros sobre raça⁶ e, também, gênero⁷. Esse ponto estabelece diálogo direto com estudos críticos do trabalho e com abordagens interdisciplinares sobre desigualdade social no meio rural.

De certa forma, o sistema de trabalho descrito por Ofstehage como característico do oeste baiano lembra alguns modelos de produção dos Estados Unidos, porém não as fazendas do Meio-Oeste, mas sim as enormes *plantations* do sul do país, lembrou um dos fazendeiros transnacionais, denunciando o caráter profundamente colonial do modelo atual brasileiro. Outros fazendeiros também perceberam algumas semelhanças entre os dois países. Segundo um dos atores, o cenário da produção rural brasileira da primeira década dos anos 2000 seria parecido com a dos Estados Unidos entre as décadas de 1970 e 1980. Já aqueles que estão há

⁶ O racismo dos fazendeiros em relação a população local que são contratados para trabalhar temporariamente nas lavouras, e é expressivamente negra, é nítido suas falas.

⁷ As mulheres perderam suas funções depois que a mecanização das etapas de produção substituiu a administração por unidade familiar.

mais tempo no Brasil enfatizaram que, há duas décadas, a região brasileira em que vivem era um verdadeiro “Velho Oeste”.

Realmente, os processos de expansão da fronteira para o oeste na história de ambos os países convergem em alguns aspectos. Contudo, no caso do Brasil, há algumas singularidades que estão associadas, principalmente, ao bioma Cerrado. No capítulo dois, o autor aprofundou a contextualização histórica acerca do processo de ocupação do Cerrado a fim de mostrar que a região em que os fazendeiros desembarcaram em busca de novas fronteiras agrícolas não era a *shangri-lá* que esperavam encontrar.

Isso porque, em um primeiro momento, o solo do Cerrado era tido como pobre em nutrientes e ácido, portanto, considerado pouco adequado ao cultivo agrícola de forma que o estímulo à ocupação da área por agricultores, como parte do projeto de transformação da área em uma fronteira agrícola foi fomentado e estimulado pelo Governo Federal. Um exemplo disso foi a criação da Embrapa em 1973 e, ainda no início da década de 1970, a implementação de projetos como o PRODECER, o PROTERRA e o POLOCENTRO. Os próprios fazendeiros transnacionais ressaltaram a questão da introdução da técnica como algo bastante diferente do que estavam acostumados em suas vidas de fazendeiros enquanto ainda moravam nos Estados Unidos da América.

Para Ofstehage, a forma como o governo federal conduziu a expansão da fronteira agrícola no centro-oeste brasileiro, por meio de incentivos econômicos que beneficiaram, sobretudo, a elite agrícola adepta do modelo produtivo do agronegócio, foi o que criou o “modelo brasileiro”, que seria diferente do “modelo estadunidense”⁸. No entanto, ao nomear esses dois modelos, Ofstehage perdeu de vista que a mudança observada desde a década de 1970 no sistema de produção agrícola — da crise nos Estados Unidos à formação da “Soylandia” na América Latina — tem uma origem comum: a consolidação de um modelo agroindustrial financeirizado.

⁸ No entanto, ainda que Ofstehage contraste o “modelo brasileiro” com o “modelo estadunidense”, o autor também trouxe em sua obra como a própria história agrícola dos Estados Unidos, no Meio-Oeste, revela que a relação com a terra também foi marcada por crises ambientais profundas, como o Dust Bowl, indicando que tais tensões não são exclusivas do contexto latino-americano.

Essa ideia evidencia-se no fato de que os fazendeiros transnacionais, quando no Brasil, mobilizam narrativas semelhantes aos fazendeiros brasileiros, em detrimento de uma suposta mentalidade associada ao modelo de produção estadunidense baseado na unidade familiar. Ofstehage analisou como o processo de transformação do Cerrado em monocultura, principalmente, de soja, sustenta-se em narrativas que apontam para uma noção de “desperdício de terra” (*wasteland*). Isto é, o Cerrado só tem valor quando a terra é “produzida”, defendem os fazendeiros transnacionais. Essa justificativa apoia-se na ideia de sacrificar o Cerrado para proteger a Amazônia e se articula às críticas à legislação ambiental brasileira, como o Código Florestal (2012) e a Reserva Legal, considerados por esses atores insuficientes e exemplos de como terras que poderiam estar sendo “produzidas” são desperdiçadas (*waste of land*).

Nesse sentido, a ideia de que a principal diferença entre os modelos de produção agrícola é devido a arranjos culturais, como o autor sugeriu em algumas partes de sua obra, é o argumento mais frágil de Ofstehage. Afinal, como também foi demonstrado pelo próprio autor, o modelo de produção agrícola apregoado pelo agronegócio na região do Matopiba correspondeu a uma reestruturação econômica mais ampla, que atingiu e remodelou toda a América Latina e, também, os Estados Unidos da América, ideia que aparece na conclusão de sua obra.

No entanto, essa transformação econômica-estrutural teve origem nos Estados Unidos da América e difundiu-se pela América Latina sob a forma do agronegócio, termo forjado naquele país, na década de 1970, no campo econômico e empresarial.⁹ Portanto, a noção de “*Soylandia*” constitui uma contribuição analítica relevante para compreender como a circulação transnacional desse modelo produtivo opera por meio de assimetrias de poder, naturalizando formas específicas de uso da terra, do trabalho e do território.

Recebido: 23/02/2026
Aprovado: 19/03/2026

⁹ Pompeia, Caio. *Formação política do agronegócio*. São Paulo: Elefante, 2021.